

Linguagem Educacional: Cristovam Buarque e seus Neologismos

PERISSÉ, Gabriel

Professor da Pós-Graduação do Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (SP)
<http://www.perisse.com.br>

A neologia

Ao criarmos palavras novas para significados novos, ou significados novos para palavras já existentes, demonstramos ter compreendido a ductibilidade da linguagem e a nossa capacidade de expressar idéias e percepções originais.

A criação neológica exige certa dose de coragem lingüística e independência intelectual; ou de rebeldia, no caso da linguagem adolescente; ou de “inconsciência”, como no caso da linguagem infantil, que os parentes e professores se encarregam de corrigir, ou adulterar...

Os neologismos produzidos são submetidos ao julgamento de ouvintes e leitores. São examinados, testados, acolhidos ou descartados. Qualquer um de nós está capacitado a contribuir para o enriquecimento léxico. Todos os falantes são neologistas em potencial, dado que o idioma, sempre, em algum momento, depende do neologismo para renovar-se e sobreviver. A neologia não é tarefa exclusiva de intelectuais e ficcionistas, embora sejam eles especialmente capacitados e “autorizados” a fecundar o idioma.

Tradicionalmente, distingue-se a *neologia formal* da *neologia de sentido*. Aquela consiste em produzir palavras ainda não dicionarizadas, novas unidades lingüísticas que vêm ao encontro de uma necessidade expressiva até então inexistente.

Um exemplo brasileiro recente é o “mensalão”, variante de “mensalidade”, num contexto de ilegalidade: pagamento mensal a deputados com a intenção de corrompê-los. O neologismo começou a circular na mídia em junho de 2005 e integrou-se rapidamente ao vocabulário político e popular.

Já um neologismo rejeitado foi “correleto”, que alguns poucos tentaram usar como substituto do termo *e-mail* (*eletronic mail*, surgido na década de 1980), e simplesmente não vingou. Sua vida curtíssima, se é que a teve, é explicada por um único e decisivo motivo: não soou bem, não recebeu o abono dos falantes, o nosso abono.

Por outro lado, na neologia de sentido, empregam-se palavras correntes, conhecidas e até “surradas”, já dicionarizadas e aceitas, mas com novo significado, também para dar conta de novas realidades e, por conseguinte, satisfazer novas necessidades de expressão e comunicação. A palavra “tribo”, por exemplo, sofreu pelo menos duas mutações semânticas em sua longa existência.

Utilizada entre os antigos romanos como classe de pessoas dentro do povo — *grammaticas tribus* eram as classes dos homens dedicados às letras; uma pessoa podia ser *tribu moveri*, expulsa de seu grupo social —, no século XVI ganhou sentido suplementar, designando as diferentes comunidades indígenas do Novo Mundo. A partir daí, foi se impondo a associação entre “tribo” e “primitivismo”, entre “tribo” e “arcaísmo”. Pode a antropologia esclarecer que uma tribo é tão-somente aquele grupo social autônomo com certa homogeneidade física, lingüística e cultural, mas colou-se ao termo a idéia de atraso, ou de uma realidade fechada em si mesma, como quando se compara a economia “tribal” (de simples subsistência) à economia de mercado, à economia global (e, portanto, mais desenvolvidas).

Recuperamos, porém, de certo modo, o sentido mais antigo da palavra, em referência a células sociais definidas por determinadas características e comportamentos. Pessoas com ocupações, objetivos e interesses comuns; com os mesmos gostos musicais, valores, modos de pensar; com certos modos de falar, vestir-se, pentear-se, formam tribos específicas, tribos afetivas, novos clãs, novas comunidades. A palavra “tribo” ajuda a entender essa estrutura antropológica “que consiste em se reconhecer a partir do outro, a existir pelo e no olhar do outro” (Maffesoli, 1992, p. 217) — a tribo dos surfistas, dos psicanalistas, dos ufólogos, dos metalheiros, etc.

Existirá a tribo dos neologistas? A ela já pertencemos por direito de nascimento, ou é necessário adquirir algum hábito mental, desenvolver algum tipo de habilidade? E em que medida o neologismo é conduta verbal necessária para pensarmos com mais pertinência realidades complexas como a educação brasileira?

Ser ou não ser neologista

Somos todos neologistas. Ou, para seguir Oswald de Andrade no *Manifesto Pau-Brasil* (publicado pelo *Correio da Manhã* em 18 de março de 1924), sendo a língua “natural e neológica”, é natural ou seria natural que o que somos se transformasse no que falamos.

O *homo loquens* neologiza. Também o *homo scribens*. Mas podemos fazê-lo mais consciente e lucidamente, de modo sistemático, para polemizar e convencer. Como uma forma de reivindicar atenção para certos aspectos da realidade. Como uma forma contundente de argumentar. Os que trabalham com a reflexão educacional precisam ativar essa capacidade neologizante, se quiserem ir para além dos lugares-comuns e das idéias pasteurizadas. Esta capacidade de criar novas palavras alimenta-se de (e reflete) uma outra capacidade — pensar e repensar com renovado interesse, e renovada ênfase.

O neologismo pode tornar-se ponto de apoio para interpretações novas, que por sua vez podem gerar críticas novas e novas propostas de mudança. Paulo Freire revela sua prática neológica intencional — “dialogação” e “dodiscência” são duas de suas invenções mais sugestivas —, com o intuito de criar um “discurso-alerta” (Simões, 2006, p. 98).

Os neologismos jamais são gratuitos. Podem ser termos que pressupõem um projeto de esclarecimento, e seria desejável que sempre fosse essa a história de uma nova palavra. Contudo, podem também ocultar (e revelar, enfim, se bem analisados) forças, lógicas e interesses manipuladores. Pensemos num caso relacionado à educação. Um neologismo de gosto duvidoso, “treineiro” — candidato inscrito em exames vestibulares que ainda não concluiu o ensino médio e participa do

processo seletivo sem concorrer a uma vaga, apenas para fazer uma experiência —, reforça a exagerada importância dos vestibulares para as faculdades públicas na vida dos adolescentes.

A finalidade do vestibular, já assumida pelo treineiro, não é estimular o aprendizado e, como decorrência, o ingresso no ensino superior. O objetivo principal é treinar (ser treinado, ser adestrado) para disputar e vencer, numa situação em que são muito poucas as oportunidades (ao passo que as mais numerosas oportunidades nas faculdades privadas estão, em geral, condicionadas ao pagamento das mensalidades e, na prática, relativizam a importância dos testes seletivos). Todo ou quase todo o esforço do estudante para conquistar a vaga do ensino gratuito está direcionado a resolver questões cuja principal função é impedir a passagem daqueles que não foram treinados para, por exemplo, saber a quantidade de algarismos do produto obtido na multiplicação dos números 42 567 896 095 416 765 443 769 (de 23 algarismos) e 1 568 973 210 875 453 666 875 (de 22 algarismos); ou saber (adivinhar, quase) se determinado “que” é conjunção subordinativa adverbial ou pronome relativo.

O neologismo torna-se perigoso quando vem desviar, estreitar, dificultar ou anestesiar o pensamento, diminuir-lhe o alcance e o vigor crítico, como adverte George Orwell em seu *1984*, ao apresentar os princípios da *Newspeak*, segundo os quais é preciso simplificar a linguagem utilizada pelas massas (cf. Orwell, 2003, pp. 287-301). Um neologismo pode, então, desconceitualizar a palavra, reduzindo-a ao uso automático e irrefletido, permitindo que os inventores das novas palavras, dos novos falares, de uma novilíngua, tornem-se os controladores das consciências.

Ser ou não ser neologista não é uma escolha, afinal. Somos neologistas pelo fato mesmo de sermos seres verbais. A legitimidade dessa aptidão nossa dependerá, portanto, do que pretendermos e do que obtivermos com ela.

A pretensão revolucionária de Cristovam Buarque, neologista

Ser um neologista com projetos a favor da educação implica a responsabilidade de introduzir (ou tentá-lo) palavras que provoquem a reflexão aprofundada e a ação conseqüente. Esta responsabilidade parece conduzir os textos de Cristovam Buarque, economista, educador, político e escritor, ex-governador do Distrito Federal, ex-Ministro da Educação (por um curto período), autor de vários livros sobre economia, sociologia, educação e ciência política, dos quais destaco quatro: *Admirável mundo atual* (2001), *Os estrangeiros* (2002), *Sou insensato* (2007) e *O que é educacionismo* (2008).

Cristovam Buarque é sensível ao poder das palavras, expressão que serve de título de um dos textos que compõem *Sou insensato*. Nesse texto, o autor manifesta sua inquietação com relação a um neologismo manipulador que muitos passaram a repetir inocentemente (ou nem tanto):

[...] graças a esse avanço técnico, armas são chamadas de “inteligentes” — o que mata a ética e desmoraliza o conceito de inteligência — e são usadas indiscriminadamente contra povos indefesos e crianças cujo único erro foi estar no local escolhido como alvo [...]. (Buarque, 2007, p. 17)

Em AMA, aprofunda o motivo de sua indignação:

O que não se imaginava é que um dia haveria **armas inteligentes** capazes não apenas de ser empregadas em situações de surpresa absoluta, como também ser usadas sem qualquer risco de parte do atacante. [...] As **armas inteligentes** atiram sobre o próprio sentido do humanismo, ao fazer com que o conceito de inteligência seja nitidamente desvinculado dos **valores éticos**. (Buarque, 2001, p. 39)

Igualmente em *Os instrangeiros*, Cristovam Buarque observa que esse neologismo semântico — a transformação da multissecular palavra “inteligência”, referente à nossa faculdade de conhecer, compreender e aprender, em atributo de artefato destrutivo — deveria ser visto, de preferência, como manifestação da nossa consumada insanidade:

[...] a palavra *inteligência* perdeu o seu sentido pleno, porque o raciocínio foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não foi usado para fazer um mundo melhor e mais belo para todos. (Buarque, 2002, p. 113)

As *smart weapons* talvez devessem ser chamadas, em outra tradução, “armas oportunistas”. Que algo de pejorativo ficasse explícito. Uma arma “inteligente” recebe, como se fosse condecorada, a carga positiva do atributo humano por excelência. Como não pensar bem de uma arma inteligente, feita à nossa imagem e semelhança? Dilui-se, como Cristovam Buarque faz ver, o vínculo necessário, humanizador, entre razão e ética, entre decência e tecnologia.¹

Um mundo melhor e mais belo para todos depende de uma revolução educacional, com a qual seria possível a reorientação inteligente da nossa inteligência. Daí que o autor tenha sentido a necessidade de um neologismo capaz de sintetizar sua visão de mundo. A educação vista como o primeiro e mais importante dos temas: *educacionismo*.

O termo tem a sua história. Provavelmente Cristovam Buarque já a conhecia, e procurou recuperar, recontextualizar (repolitizar) a palavra. O termo “educacionismo” está relacionado ao escritor e político mexicano Justo Sierra (1848-1912), cujas idéias e iniciativas na vida educacional do seu país foram marcantes para a época. Fiel aos ideais liberais e positivistas, lutou por uma educação primária de caráter nacional, laica e gratuita; preocupou-se com a formação e valorização dos docentes; foi um dos principais criadores da Universidade Nacional mexicana. Acreditava na educação como fator de crescimento econômico e de aperfeiçoamento da vida social. Um estudioso de sua vida refere-se ao “entusiasmo sagrado pelas virtudes da educação” (Dumas, 1986, p. 99) que o animava.

Há uma discussão, porém, sobre em que medida Justo Sierra era realmente adepto do educacionismo, nessa acepção de crença radical (e um tanto ingênua) nos poderes absolutos da educação, a educação como panacéia, como remédio milagroso para curar todas as doenças sociais. Seja como for, “*lo que define fundamentalmente a Sierra en el plano del pensamiento y la acción es una actitud profundamente optimista frente a las virtualidades de los procesos educativos*” (Landa, 2005, p. 55).

¹ Cristovam Buarque, em outro momento, utilizará o adjetivo “inteligente” de modo irônico: “Da mesma forma que empregar os pobres para produzirem para os pobres faz parte da lógica econômica canalizada socialmente, a transferência de recursos para erradicar a pobreza faz parte da lógica de um egoísmo inteligente de parte dos ricos.” (Buarque, 1999, p. 50)

O sufixo -ismo identifica tendências, modos de pensar, doutrinas políticas e religiosas, teorias que desembocam em ações. O educacionismo tornou-se palavra de ordem para o senador Cristovam Buarque, com seu habitual estilo — utópico, mas não apocalíptico, ainda que o colapso esteja às portas. Contrapõe-se a outros “ismos”: o economicismo, o neoliberalismo, o comunismo, o imperialismo, o materialismo...

Didaticamente, o autor tem mostrado que o educacionismo, segundo sua concepção, é doutrina que vê a educação como possibilidade de conexão com o mundo, para além dos laços meramente econômicos; como forma de entender o mundo, para além da lógica do domínio e da exploração; como forma de promover o ser humano, para além da mentalidade baseada na competição e no sucesso egoísta.

No entanto, não se trata (ou pelo menos não é esta a idéia) de mais um gesto assistencialista, paliativo. Para Cristovam Buarque, a julgar por seus inúmeros textos e pronunciamentos a respeito, está em jogo, e em andamento, uma revolução:

A revolução educacionista consiste em tomar as medidas necessárias para que todas as crianças estejam, desde os quatro até os dezoito anos, em escolas com horário integral, com professores muito bem remunerados, preparados e dedicados, em espaços confortáveis e com os mais modernos equipamentos pedagógicos disponíveis, utilizando-se de métodos e conteúdos libertários. Além disso, pretende que tenham recebido na primeira infância, pré-escolar, o apoio necessário para seu pleno desenvolvimento físico e intelectual (Buarque, 2008, p. 96)

Propondo a revolução educacionista, pedindo adesões, enfatizando que o trabalho do professor precisa ser garantido e valorizado, por uma questão estratégica, ou a revolução não ocorrerá, Cristovam Buarque encontrou no neologismo “educacionismo” uma forma de associar educação, política e libertação. Há uma semelhança (fonética e ideológica) entre o movimento abolicionista do século XIX e este, educacionista. Uma troca de *e-mails* em 2007 entre um estudante e o autor reafirma essa intenção. Um estudante maranhense elogia as propostas do senador e sugere a fundação do Partido Educacionista. Cristovam Buarque respondeu nesses termos:

Estou querendo este partido educacionista, mas sem precisar de nova sigla partidária, será um partido causa, com gente de todas as siglas, como fizeram os abolicionistas.²

O projeto que sustenta o neologismo “educacionista” (e este irá projetar o discurso do projeto educacionista) pressupõe a existência de uma escravidão cultural, educacional e intelectual. Pressupõe uma *apartação*, outro neologismo de Cristovam Buarque, com o significado de *apartheid* social, em que os incluídos se desinteressam pelos excluídos. “Em português, a palavra **apartação**”, ele explica:

foi usada no sentido de separar coisas e animais no estábulo; no seu sentido social, de uma sociedade partida, separando as pessoas por classe, como o *apartheid* separa por raças, ela foi divulgada pela primeira vez em 1992, no livro *O colapso da modernidade brasileira e uma proposta alternativa* [...]. (Buarque, 2001, p. 33)

² Em: http://www.cristovam.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=207&Itemid=43
Acesso em: 21 nov. 2008.

Cristovam Buarque menciona o seu livro de 1992 como “lugar” de nascimento do neologismo semântico “apartação”, que, além de conferir novo sentido a uma palavra já existente, ao mesmo tempo reelabora um estrangeirismo de impacto, procurando transportar a energia de nossa indignação perante a segregação entre brancos e negros na África do Sul para uma outra, perante a segregação entre povo e povão, entre um Brasil pequeno e muito rico e um Brasil grande e pobre. A apartação se baseia na cor social, que não coincide necessariamente com a cor da pele.

A definitiva incorporação do neologismo ao léxico de um idioma decorrerá do ingresso desta nova palavra no vocabulário passivo do maior número de pessoas (para ser reconhecida) e logo depois no vocabulário ativo. O criador de “apartação” está ciente dessas etapas, e por isso esmera-se em utilizar o termo recém-nascido nos seus discursos, em entrevistas, em seus livros (particularmente *O que é apartação*, de 1993), em textos publicados na *web* (sobretudo no seu site <http://www.cristovam.org.br/>), e na mídia impressa, como neste artigo da *Folha de São Paulo* (03.03.1997), em que denuncia uma das conseqüências dessa segregação:

Com a apartação, os intelectuais ficaram com medo do povo e, com a universidade, ficaram presos aos doutorados.³

A apartação é real e deliberada, ainda que não chegue a ser declarada. Aliás, o neologismo faz com que a tornemos visível, palpável e, portanto, odiável e denunciável. Participamos dela, como excluídos ou incluídos, como vítimas ou como favorecidos. O sistema educacional não está imune aos seus efeitos. Não só isso: torna-se cúmplice, perpetuando-a. No âmbito das universidades públicas, em que docentes e alunos deveriam cumprir o papel de compreender e combater a apartação da qual usufruem em maior ou menor medida, continuam não raramente a atuar, eles próprios, como beneficiários inconscientes daquele isolamento: vivem... quantos de nós vivemos no mundo de leituras obrigatórias, discussões nem sempre esclarecedoras e publicações nem sempre originais... um universo à parte. De certo modo, também somos vítimas da apartação, por perdermos a oportunidade de contribuir para a sua eliminação e para uma sociedade mais justa. Mesmo que em dado momento critiquemos a lógica segregadora do sistema educacional, é nela que nos movemos, é dela que dependemos, e os excluídos hão de comparecer, quando muito, como objetos de pesquisa. Admiti-lo é já o começo da nossa libertação.

Os excluídos são designados por Cristovam Buarque com outro neologismo: “inrangeiros”. Lançando mão do prefixo in-, com valor de movimento para dentro, a exemplo de “imigrar”, “inspirar”, o autor define os inrangeiros como aqueles que são “estrangeiros dentro do próprio país, excluídos dos benefícios da modernização” (Buarque, 2002, p. 19).

No seu *Admirável mundo atual*, um verbete sobre o mesmo termo:

São os que são estrangeiros dentro do próprio país de origem: embora nacionais politicamente, são estrangeiros socialmente. São considerados invasores, quando fazem suas casas em áreas próximas dos ricos, quando ocupam terras improdutivas. (Buarque, 2001, p. 195)

Aos olhos da minoria quase-rica e rica do Brasil, que raciocina e se comporta como os seus “pares” europeus e norte-americanos, os “inrangeiros” correspondem aos imigrantes pobres que chegam à Europa e aos Estados Unidos. O “inrangeiro”

³ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz030309.htm> Acesso em: 21 nov. 2008.

vem de dentro do país, mas é visto como um estranho, porque não tem ou tem reduzido poder de compra, está apartado — apartado de uma escola de qualidade, apartado do conhecimento que lhe daria oportunidades melhores na vida profissional. A figura do “instrangeiro” nasce de uma visão deformada e deformadora. Esta visão não enxerga bem o porquê da estranha situação daquele estranho, e simplesmente despreza... ou teme o “instrangeiro”, sente-o como uma espécie de intruso. Deformada, por isso, deve ser também a palavra que designa o estranho, para que possamos expressar melhor e denunciar com mais clareza a deformação.

Por outro lado, “instrangeiros” é neologismo de compreensão demorada. Não existe nenhuma palavra no nosso idioma com as duas sílabas iniciais “ins-tran”. Para compor esse neologismo, Cristovam Buarque substituiu “es”, de “estrangeiro”, por “ins”. Talvez não tenha sido o melhor procedimento, porque não produziu vocábulo com características fonéticas reconhecíveis e assimiláveis. Uma alternativa seria gerar o “inestrangeiro”. Ou empregar o prefixo intra-, para “intranqueiro”, pensando na origem etimológica de “estrangeiro”, em que a palavra latina *extraneus* indica aquele que vem do exterior (*extra*), o estranho, aquele que se expressa, veste-se e comporta-se de modo diferente. Essa diferença pode ser interpretada como agressão aos costumes de quem se considera legitimamente nativo, quando nativos somos todos pelo fato de termos nascido aqui, neste país, ou pelo fato de sermos humanos, habitantes do mesmo planeta. (A contradição se manifesta ainda mais claramente quando os estrangeiros, particularmente os dos PMP-AR,⁴ são acolhidos com mais respeito e cordialidade do que os “instrangeiros”.)

As palavras “educacionismo”, “apartação” e “instrangeiros” foram cunhadas com o objetivo de ressaltar a necessidade de novas atitudes, dentro do contexto de uma revolução educacional. O autor procura gerar ou regenerar palavras de ordem, diante do vácuo ideológico do final do século XX (e correspondente esvaziamento dos *slogans*), após a queda do muro de Berlim (1989) e, seguindo a inspiração neológica do poeta José Paulo Paes, após o desmascaramento da “desenvolvimentira” em países que apostaram tudo na lógica do capitalismo. A propósito, o poema inspirador (“Seu metaléxico”, do livro *Meia palavra*, de 1973) elucida perfeitamente esse transe:

economiopia
desenvolvimentir
utopiada
consumidoidos
patriotários
suicidadãos

(Paes, 2008, p. 196)

Talvez o poeta ainda pudesse acrescentar “educadomados”, “educondicionados”, ou “educacinismo”, ou ainda “educacínicos”.

Pequeno glossário de neologismos buarqueanos

A criação de neologismos requer a aplicação de regras de construção léxica como a prefixação, a sufixação, a aglutinação, a justaposição, a derivação imprópria, a

⁴ Cristovam Buarque propõe essas duas classificações: PMP-BR (País-com-maioria-da-população-de-baixa-renda) e PMP-AR (País-com-maioria-da-população-de-alta-renda). Cf. Buarque, 2001, pp. 245-6.

paronímia, a composição erudita ou híbrida, a abreviação, a restrição ou a extensão de sentidos etc. Cristovam Buarque dá preferência à aglutinação.

Os 17 neologismos abaixo, encontrados na obra de Cristovam Buarque, contribuem para definir o seu estilo. O autor é neologista porque pretende criar uma nova compreensão da realidade social, uma nova maneira de criticar abusos e absurdos, e, em contrapartida, colaborar para a gestação de um novo mundo. Melhor ainda, em muitas ocasiões pretende subverter palavras antigas para, mediante novos termos, questionar e subverter também os discursos dominantes, redefinir prioridades e, a exemplo do que faz no campo da invenção verbal, inventar um futuro mais solidário e mais humano para o país.

A educação de qualidade para todos como prioridade social e política, e como plataforma de crescimento do país e aperfeiçoamento do indivíduo, constitui o pano (e o plano) de fundo dessa criação verbal. Uma educação de qualidade dará oportunidade aos excluídos. Uma educação de qualidade também favorecerá os incluídos, dando-lhes a chance de lutar por um mundo melhor, em que todos sejam incluídos no universo dos direitos e deveres, no universo da justiça.

Apartletismo – Os incluídos (com alta escolaridade e melhor situação financeira) caminham e correm, nas megalópoles, para se exercitarem. São atletas urbanos, ao mesmo tempo em que os pobres (com baixa escolaridade) se dirigem ao trabalho a pé (ou em transportes precários), percorrendo longas distâncias, em maratonas sem medalhas ou aplausos. O sistema social apartado separa os dois “atletas”. O autor cria “apartletismo”, neologismo de segundo grau, conjugando “apartação”, que já é um neologismo, a “atletismo”. Utiliza o recurso da aglutinação, em que há perdas fonéticas em vista de ganho semântico: “ação” de “apartação” e “a” de “atletismo” são descartados, embora de certo modo o “ar” de “apartação” componha um inusitado “artletismo”, possível neologismo oculto nas entreletras: os incluídos respiram melhor, aspiram melhor o ar disponível.

Bioescravidão – “O transplante de órgãos pode fazer surgir bioescravos” (Buarque, 2001, p. 55). O comércio de órgãos humanos faz surgir uma nova escravidão. Os bioescravos são usados para fornecimento de órgãos, em particular crianças dos PMP-AR. A palavra é formada por sufixação, acrescentando ao substantivo “escravidão” o prefixo bio-, do grego *bíos* (“vida”), em analogia com “biofísica”, “bioética” etc.

Canibalismoderno – Em abril de 1994, em Olinda (PE), uma catadora de lixo e seu filho comeram uma mama amputada, recolhida do lixo de um hospital (cf. *Jornal do Brasil*, 29.01.2006). Na época, D^a Leonildes C. Soares disse aos jornais que havia preparado aquele pedaço de carne por absoluta falta de alternativa. Esse episódio levou Cristovam Buarque a criar “canibalismoderno”, aglutinação de “canibalismo” e “moderno”, em que a sílaba “mo” que inicia a segunda palavra e a que conclui a primeira se unem numa só (entrededoram-se?). O autor vai mais longe. Aplica a mesma palavra ao comportamento predatório e devorador dos ricos, que comem os pobres por meio do sistema econômico, certamente influenciado pela leitura do clássico texto de Jonatham Swift, *A modest proposa*, proposta sarcasticamente modesta de transformar em comida as crianças pobres que perambulavam pelas ruas da Irlanda do século XVIII.

Desmocracia – A substituição da sílaba “de” de “democracia” pelo prefixo des- produz o neologismo “desmocracia”, denunciando a falta, a redução ou a deturpação da democracia. Cristovam Buarque recorre a este novo conceito para analisar a vida universitária: “O ensino universitário, imitativo e academicista, tornou

desnecessária qualquer censura à universidade, resultando no desuso da pluralidade de idéias” (Buarque, 2001, p. 112). A “desmocracia” nem é democracia nem ditadura; é a ausência de discordância, uma vez que os incluídos repetem e se repetem, e os apartados não podem, sequer, formular suas opiniões no inacessível espaço acadêmico.

Dormitório – Com base em matéria assinada por Edilson Ribeiro em *O Globo* (07.08.1995) sobre 162 famílias que moravam num cemitério na cidade de São Bernardo do Campo (SP), o autor criou o neologismo “dormitório”, composto pela aglutinação de “dormitório” e “cemitério”. A curiosidade é que a palavra “cemitério” é derivada do grego *koiméterion*, “lugar para dormir”, “lugar para descansar”: o lugar de descanso dos mortos agora cobiçado e compartilhado pelos pobres que não têm onde descansar. E a história se repete. Há um “dormitório” em Manila (Filipinas), onde vivem cerca de 10 mil famílias. Os 54 hectares de um cemitério de Manila abrigam essas famílias, em sua maioria provenientes da zona rural do país. Sem dinheiro e parentes na cidade grande, vão morar nos mausoléus ou em tendas armadas entre as sepulturas.⁵ Nas fotos abaixo, crianças brincando com ossadas e uma professora voluntária dando aulas num mausoléu de veteranos de guerra.



http://www.viceland.com/int/v14n11/htdocs/living_dead/2.jpg



<http://media.cybervida.com.br/0712/09-cemiterio/cemiterio-11.jpg>

Econologia – Cristovam Buarque parece reivindicar a paternidade deste neologismo, ao afirmar que o termo foi apresentado no seu livro *A desordem do progresso – o fim da era dos economistas e a construção do futuro*, quando se refere à “lógica ecológica, montada no tripé da Ética, da Economia e da Ecologia”. (Buarque, 1990, p. 35). Mas o fato de ele ter sido um dos primeiros a apresentar o termo não impede que já fosse utilizado por outros, em português ou em outros idiomas. Os ecologistas e sociólogos mencionam também a “ecolonomia”, menos feliz que “econologia”, embora com o mesmo intuito de celebrar a conjunção entre conhecimento econômico e sentimento ecológico. Em “econologia”, há aglutinação entre “economia” e “ecologia” para sintetizar num só vocábulo a expressão “economia ecológica”.

Editeiro – Cristovam Buarque não considera “editor” um jornalista prisioneiro de pautas condicionadas ideologicamente, sem liberdade, portanto, para investigar, ver e avaliar os fatos. Prisioneiro da orientação emanada do órgão de informação para o qual presta serviço, o jornalista torna-se “editeiro”: o sufixo -eiro da palavra “prisioneiro” contamina a sua função.

⁵ Cf. http://www.viceland.com/int/v14n11/htdocs/living_dead.php?country=us Acesso em: 21 nov. 2008.

Educologismo – O pressuposto deste neologismo é que “o equilíbrio ecológico é uma consequência da educação” (Buarque, 2008, p. 145). Possivelmente a expressão “educacionista” já incluiria a preocupação com a alfabetização ecológica, ou com a eco-alfabetização. (Em Berkeley, em 1995, Fritjof Capra fundou o *Center for Ecoliteracy* - <http://www.ecoliteracy.org/>.) “Educologismo” é a aglutinação entre “educação” e “ecologismo”.

Esquineiro – “São as pessoas que vivem de pedir dinheiro ou de oferecer serviços como limpar o vidro dos automóveis, ou ainda de vender mercadorias como frutas, chocolate e biscoitos aos carros parados nas esquinas das grandes cidades do Brasil e do mundo inteiro, especialmente nos PMP-BR.” (Buarque, 2001, p. 149) O sufixo -eiro é acrescentado à palavra “esquina”, ângulo formado pelo encontro de duas ruas, que se torna local de “trabalho”. O “esquineiro”, “profissional” da rua é uma contradição, e uma solução desesperada: faz do fato de estar no “olho da rua” a sua profissão. Muitas crianças trabalham como “esquineiras”, quando deveriam estar em escolas de tempo integral.

Globaias – Os pobres tornam-se cobaias humanas no aprendizado de médicos recém-formados. As indústrias farmacêuticas testam a eficácia de novos remédios nas populações dos PMP-BR. Também são cobaias da globalização os povos em cujos sistemas financeiros são testadas teses econômicas externas. O neologismo “globaias” é a aglutinação entre “cobaias” e “globalização”. A curiosidade etimológica é que o termo “cobaya” (século XVIII) foi precedido por “çabuja”, transcrição feita pelos portugueses do indigenismo brasileiro “çabujê” (“rato que se come”). De certo modo temos aqui outra manifestação de “canibalismoderno”, em que os mais pobres são devorados pelos mais ricos.

Globocausto – O holocausto em tempos de globalização, em que essas duas palavras aglutinam-se para formar o neologismo. Trata-se de um crime, ou de um somatório de crimes (a morte dos imigrantes, a fome, o extermínio de crianças, a desarticulação de economias e culturas) que se cometem diariamente no mundo do todo, com a conivência dos que vêem seus privilégios garantidos e com a anuência passiva de muitos que poderiam denunciá-lo, mas não o percebem, justamente pela falta de um nome que o faça visível.

Greveiro – O sufixo -eiro, entre outras funções, indica certa atividade, com ou sem relação profissional, como em “sapateiro”, “goleiro”, “guerrilheiro”, etc. No caso de “greveiro”, assume conotação pejorativa, em contraste com “grevista”. O grevista promove e/ou participa de uma greve, mobilizando-se em nome de justas reivindicações. Os “greveiros” são desempregados que certos sindicatos contratam para que atuem “profissionalmente” em piquetes e passeatas.

Mendixo – A aglutinação de “mendigo” com “lixo” produziu este neologismo. O “mendixo” é o mendigo que vive graças ao lixo. O lixo dos incluídos é um luxo para os excluídos.

Modernômades – Somos todos “modernômades” — aglutinação de “nômades” com “modernos”. O “modernômade” vive em movimento, ou porque é sem-terra, sem-endereço, sem-destino, ou porque viaja constantemente graças às facilidades de locomoção, ou ainda porque, em virtude de mudança freqüente de atividade e emprego, não se fixa durante muito tempo em lugar algum.

Moraduto – Uma das moradias do “modernômade” pobre é o “moraduto”, palavra que nasce da aglutinação entre “morada” e “viaduto”.

Novos-economistas – Este neologismo é formado pela justaposição do adjetivo “novos” e do substantivo “economistas”. O hífen desempenha um papel importante. Um novo economista pode ser o economista que acaba de ser convidado para ocupar um cargo. Um economista novo é o economista jovem. Já o “novo-economista” (poderia ser também “neo-economista”), com hífen, é um outro tipo de profissional, um economista com outras idéias. Cristovam Buarque certamente se vê como um novo-economista, e os neologismos que inventa traduzem estilisticamente a concepção de mundo que ele acredita ser a melhor para um novo-economista. O autor não economiza os neologismos, procurando estar à altura dos desafios dessa nova atitude intelectual. O “novo-economista” está atento às dimensões ética, estética e psicológica da realidade. A luta por uma educação de qualidade, nesse contexto, ocupa lugar importantíssimo entre as tarefas do novo-economista, na medida em que essa educação humaniza os atores sociais, possibilitando que economistas injustas tornem-se justas, que economias feias tornem-se belas.

Pós-universidade – O prefixo pós- tem sido usado à saciedade para caracterizar os novos tempos. Depois do “pós-moderno”, do “pós-estruturalismo”, do “pós-socialismo”, do “pós-marxismo”, do “pós-cristianismo”... o poeta Augusto de Campos resume tudo e inventa um poema visual sobre o “pós-tudo” em 1984.⁶ A “pós-universidade”, nova entidade, existirá paralelamente ao modelo da universidade dos últimos dez séculos que, se não souber reinventar-se, será superada. Mas a “pós-universidade” é ainda uma hipótese, um desejo e uma promessa. O livro *A aventura da universidade* de Cristovam Buarque sintetiza as inquietações do autor perante esse tema. A universidade tem se tornado o espaço do marasmo e da burocracia. Falta-lhe paixão. O neologismo “pós-universidade” sugere a criação de novas instâncias em que se privilegiem o novo, o inédito e o revolucionário. A pós-graduação e o chamado pós-doutorado serão superados pela “pós-universidade”, se se mantiverem presos aos mesmos paradigmas... ou paradogmas.

O neologista que há em todos nós... e o hipotrérico

O hipotrérico, palavra que serve de título e tema de um texto inesquecível do inesquecível Guimarães Rosa, é aquele que não tolera neologismos. Curiosamente, o termo “hipotrérico” é um neologismo, de modo que “começa ele por se negar nominalmente a própria existência”. (Rosa, 2001, p. 106).

Somos neologistas. Alguns mais do que outros, pois habita em nós também um hipotrérico, também reecemos a criatividade, também desconfiamos do novo, também queremos, por uma questão de segurança, o rotineiro e o previsível. Cristovam Buarque, a despeito de produzir neologismos que possivelmente não serão incorporados ao nosso idioma, entende de modo acertado que a função do neologismo é “tapar um vazio” (Rosa, 2001, p. 107), como ocorreu em vários momentos da renovação lexical ocidental. O próprio Guimarães Rosa enumera no seu texto alguns desses momentos — Stendhal criou “egotismo”, Voltaire “embaixatriz”, Comte “altruísmo”, etc. Esse “tapar um vazio” exige capacidade crítica, intuição e coragem lingüísticas. Perceber algum tipo de esvaziamento e preenchê-lo com palavras



6

em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/07_03.htm Acesso 29-11-08.

originais e acertadas constitui traço bem característico do modo de pensar e escrever de Cristovam Buarque.

O processo de aceitação dos neologismos obedece a três etapas. Criá-los é apenas a primeira delas. Uma palavra de caráter inédito não pode ser considerada neológica imediatamente. As três etapas: o instante de sua criação; a pós-criação, momento da recepção, ou do julgamento de sua aceitabilidade e inserção no vocabulário de um grupo lingüístico; a etapa da desneologização, que constitui, paradoxalmente, a sua consagração.

Não serão legitimamente neológicos os neologismos que não transbordarem dos textos e discursos do seu criador e, nesse transbordamento, perderem aos poucos o caráter de novidade. Inclusive do ponto de vista político, o neologista Cristovam Buarque precisa reapresentar constantemente ao seu eleitorado e ao seu leitorado (e é o que tem feito) as palavras novas que produz em sua atividade intelectual, alimentada e alimentadora da militância no senado, na mídia e nas ruas.

As palavras serão consideradas novas quando ouvidas e lidas em estado de estranhamento, e provarão realmente sua eficácia e força transformadora ao se tornarem, enfim, palavras comuns. Essa dialética supõe também uma dinâmica dialógica, na medida em que cabe aos leitores e ouvintes de Cristovam Buarque reagirem aos neologismos propostos.

Aprender a lidar com os neologismos, e arriscar-se a criá-los, ou a adotar aqueles que nos são propostos, adotá-los se os consideramos pertinentes, é sinal de sensibilidade às palavras e de vitalidade imaginativa. A revolução educacional não se realizará sem revoluções verbais. E revoluções não se fazem com um revolucionário solitário.

Referências

- BUARQUE, Cristovam. *A aventura da universidade*. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da UNESP/Paz e Terra, 2000.
- _____. *Admirável mundo atual – dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- _____. *A desordem do progresso – o fim da era dos economistas e a construção do futuro*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- _____. *A segunda abolição: um manifesto-proposta para a erradicação da pobreza no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *O que é apartação: o apartheid social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. *O que é educacionismo*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- _____. *Os instrangeiros*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- _____. *Sou insensato*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- DUMAS, Claude. *Justo Sierra y el México de su tiempo 1848-1912*, t. II. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1986.
- LANDA, Josu. *La idea de universidad de Justo Sierra*. 2ª edición, revisada. México: FFL-UNAM, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. *La transfiguration du politique. La tribalisation du monde*. Paris: Grasset, 1992.
- ORWELL, George. *1984*. Tradução de Wilson Velloso. 29ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.
- PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SIMÕES, Sérgio Lourenço. *Pedagogia do neologismo diálogos sintático-semânticos na obra de Paulo Freire*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Uninove. São Paulo. Disponível em: http://www.uninove.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=120 Acesso em: 24 nov. 2008.